

O MUNDO AO CONTRÁRIO DE CHARLOTTE: QUESTÕES DE GÊNERO EM PROSA

THE UPSIDE DOWN WORLD OF "CHARLOTTE": ISSUES OF GENDER IN PROSE

Karine Weber
UFSM
Sueli Salva
UFSM
Katiúcia Pletiskaitz
UFSM

Resumo: As crônicas aqui analisadas relatam, mediante uma linguagem poética, as realidades das mulheres, voltando-se para questões relacionadas a gênero, referentes ao papel que cada sexo desempenha na sociedade. Este artigo visa identificar as questões relacionadas à construção de gênero em três prosas escritas por Eduardo Galeano: "A cultura do Terror/1", "História do Outro" e "Charlotte". Damos maior ênfase para esta última uma vez que em "Charlotte" a personagem principal considera e questiona os valores que regem a sociedade. A abordagem metodológica utilizada é de cunho qualitativo, construída por pesquisa bibliográfica. O aporte teórico utilizado foram autores como Louro, Foucault, Galeano, Telles, entre outros. Por meio desta análise, percebemos que a literatura, neste caso, a crônica escrita em prosa, tem grande aceitação junto aos leitores quando seus conceitos são identificados e refletidos, contribuindo para a nova apresentação da realidade que vem sendo modificada e para a formação do pensamento.

Palavras-Chave: Construção de Gênero; Conceitos e Literaturas; Literatura e informação.

Abstract: The chronicles analyzed in this paper report, through poetic language, the realities of women, regarding issues related to gender, associated with the roles each sex plays in society. This paper aims at identifying the issues related to the construction of gender roles in three proses written by Eduardo Galeano: "A cultura do Terror/1", "História do Outro", and "Charlotte". The last receives more emphasis, since in "Charlotte" the main character considers and questions the values that govern society. The methodology used is of qualitative paradigm, constructed by bibliographical research. The theoretical framework used authors such as Louro, Foucault, Galeano, Telles, among others. Through this analysis it was noticed that literature, in this case, the chronicle written in prose, has great acceptance among readers when its concepts are identified and reflected, contributing for the new presentation of reality that has been modified and for the construction of thinking.

Keywords: Construction of Gender; Concepts and Literature; Literature and Information.

Introdução

As construções sociais construídas sobre o comportamento de homens e mulheres são responsáveis por interferir em nossas atitudes e vivências, denominadas concepções de gênero, estão presentes em nosso cotidiano. Gênero é uma categoria que nos possibilita refletir sobre essas construções sociais, que se naturalizam, tomam como base as características biológicas e em nome delas constrói desigualdades entre homens e mulheres. O tema gênero adquire visibilidade no Brasil especialmente a partir da década de 70 do século XX, proporcionando reflexões acerca de sua importância para as relações humanas (LOURO, 2008).

Dessa forma, a discussão sobre o assunto se faz presente em muitos ambientes, do privado ao público, correlacionando o passado com o presente, possibilitando uma reflexão a respeito de como alguns conceitos foram compreendidos e se construíram ao longo da história, em especial o conceito de gênero. Aqui Gênero é "entendido como constituinte da identidade dos sujeitos" (LOURO, Guacira, 1997, p.24). Sendo assim, com um olhar observador sobre o passado e o presente, no contexto deste artigo, analisaremos algumas produções literárias que ilustram a realidade das mulheres da América Latina em outras épocas. Podemos notar atualmente que alguns modos de vida e valores permanecem entre uma época e outra.

A escolha pelo tema ocorreu devido às autoras se sentirem provocadas por algumas crônicas escritas em prosa que versam sobre o cotidiano feminino em inúmeras épocas, bem como com o título do livro "Mulheres", que é uma homenagem do autor a todas elas. Para tanto compreendemos que a prosa, além de ser um gênero literário, pode ser uma das formas pelas quais nos expressamos

diariamente. Ela é objetiva, obedece à razão que a ordena e se equilibra simultaneamente com a sensibilidade¹. Tal forma de escrever possibilita a utilização, em alguns momentos, de metáforas para expressar pensamentos e tocar os sujeitos, para protestar sobre algo e até mesmo para exprimir sentimentos, revoltas e inquietações que afligem a humanidade.

Escolhemos três crônicas, dentre a seleção de textos realizada pelo autor que compõem a obra, que são fragmentos dos livros escritos por Eduardo Galeano: a trilogia Memória do Fogo (2013) (Os Nascimentos, As Caras e as Máscaras e O Século do Vento), O Livro dos Abraços (2005), As Palavras Andantes (1994), Vagamundo (1973), Dias e Noites de Amor e Guerra (2001) dentre outros. Eduardo Galeano é escritor uruguaio nascido em 1940, suas obras vêm sendo traduzidas para muitos países e possibilitam dar visibilidade para a cultura latino-americana, à qual está o autor está intrinsecamente ligado.

Nesta coletânea, que entendemos como homenagem ao feminino, o autor nos remete a situações vivenciadas por várias mulheres da América Latina de maneira clara e ao mesmo tempo metafórica. Assim, devido à prosa relatar as realidades vividas por mulheres, pode-se inferir que encontraremos questões relacionadas à construção de gênero, muito próximas ao papel que cada sexo é impelido a desempenhar na sociedade.

Neste contexto surgiu a iniciativa de refletir a respeito destas produções textuais que constam na literatura do autor. Para desenvolvimento da proposta, selecionamos três obras que ilustram momentos que, devido à descrição e aos contextos identificados após a leitura, podemos perceber que somente mulheres podem ter vivenciado tais situações em diferentes tempos de vida. Percebe-se nas crônicas as diferentes formas de naturalizações acerca dos papéis femininos os quais iniciam ainda antes do nascimento do bebê, perpassam a vida, delimitando papéis, tarefas, atitudes bem como separam desde os brinquedos destinados a cada criança até as possíveis atividades de trabalho perpetuando-se ao longo da vida.

Estes rótulos, papéis construídos historicamente e socialmente limitam as possibilidades de desenvolvimento, conhecimento e atuação dos sujeitos na sociedade, limitando as meninas ao espaço privado e estimulando os meninos ao espaço público. Para as meninas incentiva-se as brincadeiras de roda, cantigas, bonecas e panelinhas, predominantemente nas cores rosa e lilás. Aos meninos percebe-se a predominância das cores azuis e verdes, voltados às atividades que envolvem o desenvolvimento corporal, como esportes coletivos, lutas, armas, atividades intelectuais e brincadeiras com carros, estas distinções entre meninos e meninas trazem consequências e limitações para ambos os sexos.

Mesmo que tal obra tenha sido escrita por alguém do sexo masculino, de certa forma ilustra cotidiano de algumas meninas e mulheres não somente da América Latina. Nestas prosas podemos identificar uma abordagem que nos remete às construções de gênero, levando a uma possível reflexão, identificando os valores implícitos. Este artigo tem como objetivo identificar as questões relacionadas à construção de gênero em três prosas escritas por Eduardo Galeano. A partir das análises realizadas foi possível observar que a literatura, neste caso a prosa, vem preenchida de valores e possibilita que o público se enxergue e suas palavras. Estas produções podem contribuir para uma nova interpretação da realidade que vem sendo reconstruída a cada época, pela força do movimento feminista que através da sua militância tem contribuído para a formação de um pensamento que considere e legitime o universo feminino e suas formas de atuação.

Percurso Metodológico

A abordagem metodológica utilizada é de cunho qualitativo, ou seja, é construída a partir de pesquisa bibliográfica que é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos e digitais como livros, artigos, teses, etc. A pesquisa visa uma contribuição social e subjetiva, porém não se propõe a realizar a quantificação de resultados. Constitui-se de forma interpretativa, buscando compreender as relações de gênero, uma vez que esses se constroem durante a vida das pessoas desde seu nascimento. Segundo Triviños (1987) este enfoque tem relevância extraordinária para a pesquisa em educação, por levar em consideração aspectos subjacentes ao comportamento humano e ao contexto social. Busca

1 Gêneros Literários Prosa. Disponível em: <http://www.asesbp.com.br/literatura/prosa.htm>

o conhecimento e reflexão sobre um fenômeno social, e ocorre na forma metodológica de uma pesquisa bibliográfica. Ainda,

Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, Antonio Joaquim. 2007, p,122).

Para desenvolvimento desta pesquisa, foram selecionadas três crônicas em prosa do livro Mulheres escritas por Eduardo Galeano, sendo elas: A cultura do terror/1, História do Outro e Charlotte. A partir da pesquisa bibliográfica percebeu-se que ao propormos o referido tema, tentamos apontar a necessidade de repensarmos nossas atitudes e opiniões formadas a respeito da temática de gênero, uma vez que se trata de constituição de comportamentos que são aceitos socialmente, atribuindo-lhes sentido de verdade e certeza, mas que operam na construção de discriminação e de hierarquias entre homens e mulheres que fazem parte a muito tempo do nosso cotidiano.

Optamos pelas crônicas escritas em prosa pelo fato deste gênero literário estar sempre presente entre os livros procurados para leitura e utilizar de metáforas e linguagens que abordam de maneira aberta as questões do dia a dia, sendo elas problematizadoras ou não. Quanto à opção pelas produções do autor Eduardo Galeano, se deu pelo fato deste autor ter selecionado e dedicado uma coletânea para homenagear as mulheres descrevendo de maneira poética as realidades por elas vivenciadas.

A Literatura e sua Importância: Mais Estudos

A literatura é um gênero textual que nos permite transcender a realidade em que vivemos, ainda proporciona uma reflexão sobre as questões do cotidiano abordando-as com uma linguagem metafórica. Enquanto instrumento de reflexão ela proporciona que a partir da leitura consigamos repensar nossas concepções a respeito de algumas situações.

A literatura, em especial os clássicos, coloca ao alcance do leitor a possibilidade de refletir sobre si, de ler-se e conhecer-se, pois, na medida em que trata das inquietações humanas e descreve o que há de mais profundo e obscuro na alma humana em sua universalidade, é também a mim, a ti e a nós que ela nos fala. (SILVA, Antonio Ozáí da, 2008, p,11)”.

A partir do posicionamento acima, observamos o caráter formador e a participação que a literatura, em seus inúmeros gêneros (poesia, a prosa, os romances dentre outros) promove na vida de seus leitores. Como podemos perceber ao nos depararmos com a prosa que é um gênero textual que pode estabelecer uma relação estreita com o leitor. De acordo com Schollhammer (2009), a prosa

[...] constrói sua relação com o leitor por mecanismos de identificação e de inscrição identitária na construção do sentido, nas teias do enredo à maneira da tradição narrativa clássica, que vai da tragédia grega até o romance de formação moderno. Ou seja, em vez de situar a questão ética no cerne da elaboração da estrutura narrativa, a prosa contemporânea parece desenvolver novos formatos, que colocam o leitor imediatamente diante da imagem narrativa, [...] mas agora trabalhado na clave de uma aproximação às questões humanas mais dramáticas da realidade descrita (SCHOLLHAMMER, Karl Eric, 2009, p. 94).

Percebemos a relação complexa da prosa e seus leitores, proporcionando-lhes, ao realizar

a leitura, uma afinidade e reconhecimento de situações através dos sentidos que o leitor constrói através dela. Este gênero, por abordar em sua maioria as questões sociais ou relatar fatos a partir da utilização de metáforas ou apenas de uma forma de escrita que dialoga com o leitor contribui significativamente para a formação dos seres humanos.

A Teoria Dentro das Crônicas Escritas em Prosa Reflexões do Dia a Dia

Considerando os valores subjacentes presente nas três crônicas escritas em prosa percebe-se aspectos que podem ser compreendidos a partir de concepções sobre o comportamento feminino, que podem ser explicadas pelo conceito de gênero. . Tais produções apresentam características que ilustram momentos da vida de mulheres que vão da infância, a juventude e fase adulta. Todas abordam questionamentos e responsabilidades instituídas pela sociedade e naturalizados como comportamento de mulher e em oposição como comportamento de homem, ou seja, afazeres atribuídos ao sexo feminino e ao sexo masculino, construídos socialmente com influência das questões econômicas, políticas, religiosas dentre outros de acordo com os valores e cultura de cada sociedade. Como podemos observar a seguir:

A cultura do Terror/1

Sobre uma menina exemplar:

Uma menina brinca com duas bonecas e briga com elas para que fiquem quietas. Ela também parece uma boneca porque é linda e boazinha e porque não incomoda ninguém. (GALEANO, Eduardo, 2009, p, 64)

Tal excerto literário nos remete à infância, momento no qual a menina, a partir de suas experiências e contextos cresce e aprende. Entende-se infância como um conceito social e historicamente construído, que caracteriza os modos de olhar a criança. É na infância que a criança inaugura, a partir do nascimento, o seu ingresso na sociedade e vai aprender nas suas relações com os pais, crianças ou adultos, as normas, regras, valores da sociedade. O aprendizado acima mencionado influencia nas diferentes formas de ser criança e conseqüentemente, no seu modo de ser e estar no mundo. Essa crônica deixa explícito que o brincar pode estar carregado de significado, que interfere na aprendizagem de crenças e valores construída pela criança e está permeado por códigos de comportamento que operam na construção dos gêneros.

[...] Uma criança brincando com uma boneca, por exemplo, repete quase exatamente o que sua mãe faz com ela. Isso significa que, na situação original, as regras operam sob uma forma condensada e comprimida. Há muito pouco de imaginário. É uma situação imaginária, mas é compreensível somente à luz de uma situação real que, de fato, tenha acontecido. (VYGOTSKY, Lev, 2000, p.135 apud RIBEIRO, Sibebe Aparecida, et all. 2007, p,2).

Neste contexto devemos considerar que esta menina pode reproduzir o tratamento dado a sua boneca para seus filhos e ter mais dificuldade para romper o que é esperado para ela, ou seja, e desse modo que a menina aprende como deve comportar-se. Na sociedade ocidental a menina, além de brincar de boneca, para assim aprender a ser mãe e cuidar de uma criança, precisa agir de forma a não causar estranheza, ou seja, tem dificuldade de fugir da norma esperada para ela, sendo cuidadosa, atenciosa e dedicada as suas bonecas, quase que como forma de “treinamento” para a vida adulta.

Esta maneira de enxergar a mulher e suas funções foi pensada e construída pela sociedade. Nessa construção não podemos deixar de destacar a influência de ordens religiosas, institucionais como a família, a escola que passam a contribuir de forma significativa para a construção de

comportamentos e maneiras de pensar, ou seja, operam na construção da cultura. Neste artigo caracteriza-se a cultura como

[...] como sistema simbólico (a expressão-chave é, “em seus próprios os termos”), pelo isolamento dos seus elementos, especificando as relações internas entre esses elementos passando então a caracterizar todo o sistema de uma forma geral — de acordo com os símbolos básicos e torno dos quais ela é organizada, as estruturas subordinadas das quais é uma expressão superficial, ou princípios ideológicos nos quais ela se baseia (GEERTZ, Clifford, 2008,p,18).

Assim, passa a caracterizar a realidade na qual a criança esta inserida. É neste contexto que os conhecimentos vão se construindo e se resignificando, principalmente, por intermédio das brincadeiras, do agir dos adultos. A partir desse conjunto de fatores a criança constrói seus conhecimentos, valores e conceitos. Uma atitude adulta sempre vai influenciar na formação de uma criança uma vez que ela apreende o mundo através da interação com o outro. Assim podemos dizer que as ocasiões onde aparecem

[...] uma maior reprodução de estereótipos de gênero diziam respeito às falas adultas para com as crianças. Se ao analisar as relações entre as crianças se pode observar a dinamicidade quanto aos significados de gênero, o mesmo não acontecia com a mesma intensidade na relação com as pessoas adultas, [...] (TELLES, Edna de Oliveira, 2005, p,12).

Percebe-se assim a significativa influência que um adulto exerce sobre as crianças. Consideramos, entretanto, que a criança não é um ser passivo que simplesmente reproduz o que vê. De acordo com William Corsaro (2011, p. 45) “as crianças são coconstruturas da sociedade”, pois elas reproduzem o mundo a sua maneira. Esse paradigma se constitui como esperança na possibilidade de mudança relacionada ao gênero, porém demanda ainda muitos embates quer sejam eles políticos, sociais, econômicos, religiosos. Mudar crenças e valores não é um processo simples e neste sentido a educação tem um papel importante que pode interferir na construção de tais valores de forma a possibilitar que ambos possam ser educados a partir de uma igualdade de oportunidades sem que suas escolhas possam lhe causar algum desconforto ou contratempo.

Buscando construir uma educação que vise à equidade entre os sexos, podemos nos valer de reflexões críticas sobre as relações de gênero, ter consciência dos preconceitos, desigualdades construídas entre homens e mulheres é o primeiro passo para a mudança de atitudes. A mudança não acontecerá de uma vez, poderá acontecer através da luta, da mudança de pequenos gestos, iniciando por nós mesmos com pequenas ações do dia a dia. Assim temos de ter claro que a diversidade compreendida pela reunião de tudo aquilo que apresenta múltiplos aspectos e que se diferenciam entre si², é parte da condição humana. A liberdade dentro da ética quem sabe possibilita que o ser humano se desenvolva de forma integral, com igualdade de oportunidades, deixando de ‘produzir mulheres perfeitas’, ótimas donas de casa, com dupla jornada de trabalho, como podemos identificar na segunda crônica:

História do outro

Você prepara o café da manhã, todo o dia.

Como todo dia, você leva seu filho até a escola.

Como todo dia.

E então, o vê. Na esquina, refletido numa poça, contra a calçada; e quase é atropelado por um caminhão.

Depois, você vai para o trabalho. E o vê novamente, na janela de um botiquim medonho, e o vê na multidão que a boca do metrô devora e vomita.

Ao anoitecer, seu marido passa para buscá-la. E no caminho

de casa vão os dois, calados, respirando veneno do ar, quando você torna a vê-lo no turbilhão das ruas: esse corpo, essa cara que sem palavras pergunta e chama.

E desde então você vê com os olhos abertos, em tudo que olha, e o vê com os olhos fechados, em tudo que pensa; e o toca com seus olhos.

Este homem vem de algum lugar que não é este lugar e de algum tempo que não é esse tempo. Você, mãe de, mulher de, é a única que o vê, a única que pode vê-lo. Você já não tem mais fome de ninguém, fome de nada, mas cada vez que ele desvanece você sente uma irremediável necessidade de rir e chorar os risos e os prantos que engoliu ao longo de tantos longos anos, risos perigosos, prantos proibidos, segredos escondidos em quem sabe que cantos de seus cantos.

E quando chega a noite, enquanto seu marido dorme, você vira de costas e sonha que desperta (GALEANO, Eduardo, 2009, p.164).

Esse excerto nos traz a descrição da rotina vivida por muitas mulheres após chegarem à idade adulta, mesmo com sua inserção e escolha em aderir ao mercado de trabalho, ao invés das tarefas domésticas passarem a ser divididas entre os habitantes da casa, esta passa a acumular funções. A mulher passa a desempenhar o papel imposto pela sociedade, de ser boa mãe, esposa e profissional. A mulher passa a desempenhar as funções domésticas, duplicando a jornada com o trabalho fora do ambiente do privado sem que haja uma divisão destas tarefas domésticas com os outros membros da casa que também deveriam se sentir responsáveis pela organização do espaço.

A mudança desse comportamento mostra-se como tarefa difícil, tendo em vista que desde o nascimento as meninas são incentivadas e condicionadas a desempenhar tais funções, assim como precisam aderir à forma de vestir-se, comportar-se a partir daquilo que é considerado adequado para uma mulher considerando que

[...] esse papel começa a ser construído desde que o (a) bebê está na barriga da mãe, quando a família de acordo à expectativa começa a preparar o enxoval de acordo ao sexo. Dessa forma, cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. Depois que nasce um bebê, a primeira coisa que se identifica é o sexo: “menina ou menino” e a partir desse momento começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar. [...] as meninas são incentivadas a serem passivas, sensíveis, frágeis, dependentes e todos os brinquedos e jogos infantis reforçam o seu papel de mãe, dona de casa, e conseqüentemente responsável por todas as tarefas relacionadas ao cuidado dos filhos e da casa. [...] os meninos brincam em espaços abertos, na rua (CABRAL, Francisco, et al, 1998, p. 1).

Desta forma as crianças inseridas nesse contexto começam a crescer, e entender que esses valores e funções são os adequados para sua vida. Tais construções se naturalizam e as mulheres e homens passam a desempenhá-las, sem qualquer questionamento ou inquietação, muitas vezes sufocando seus gostos, vontades e desejos. Assim a menina se torna mulher pautada nesse discurso de que este é o seu lugar na sociedade. O movimento feminista, aqui entendido como movimento que clama por igualdade de direitos que possibilitou a muitas mulheres repensarem a sua condição, passaram a ter direito ao voto, direito a educação, reconhecimento como profissionais. Segundo Santos (2003) todos

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa

igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades [...] (SANTOS, Boaventura de Sousa, 2003, p 56).

Entende-se que a busca por igualdade entre os sexos não consiste em esquecer ou ignorar as diferenças, mas garantir o direito a dignidade, o acesso às oportunidades, ao respeito, a valorização das contribuições sociais, históricas, tecnológicas, por exemplo, que são negados as mulheres. Uma vez que

No Brasil, as mulheres sempre trabalharam de uma maneira ou de outra. A novidade é que recentemente, desde a década de 1960, elas passaram a ter mais acesso à educação e se profissionalizaram, conquistaram salários iguais aos dos homens - pelo menos nas áreas urbanas - e alcançaram os cargos de chefia, tais como: gerência e diretoria de grandes empresas, mas ainda hoje causa estranheza [...] (GONÇALVES, Fabiana Macedo, 2007).

Essa reação de estranheza apresentada pelo autor se dá pelo fato de ainda existir um pensamento hegemônico patriarcal machista, que nega, torna invisível às mulheres nos espaços de poder social e dificulta o acesso e a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. O fato, do sexo feminino, ter saído do ambiente doméstico, entendido enquanto espaço privado acaba por causar uma nova reformulação na sociedade e na família. Ainda:

No século XX, um conjunto de acontecimentos especialmente relacionados ao processo de urbanização e desenvolvimento das cidades e à entrada das mulheres no mercado de trabalho levou a mudanças econômicas da sociedade que contribuíram não só para o início do processo de autonomia e independência financeira da mulher diante do homem como também acenam para mudanças nos usos, costumes, valores e projetos de família (SIMÕES, Fátima Itsue et al, 2011, p, 6).

Muitas mulheres ainda lutam por uma igualdade de oportunidades e direitos, outras ainda nem percebem tais diferenças, não conseguem perceber esse processo como naturalizado como ocorre com a personagem de Eduardo Galeano, que não está feliz, apenas sonha que poderia ser diferente.

Tal movimento de refletir sobre o que está posto, não é simples, uma vez que ainda vivemos em uma sociedade patriarcal, misógina, sexista, embora reconheçamos que muitas mudanças aconteceram em relação à mulher, na política, na economia, na educação, entendemos que o caminho ainda é longo para efetivamente haver equidade entre os sexos. Muitas vezes, pequenas ações que propõem mudanças expõem a mulher e produzem insegurança, pois as coloca diante de novos desafios.

O início de uma mudança se torna assustadora, tendo em vista que superar um obstáculo impõe uma mudança de percurso e ir de encontro à sociedade, à família e visando à quebra de paradigmas. Vivemos em uma sociedade que não raras vezes reproduz em suas práticas, modos de ser que fundamentam e reforçam os estereótipos de gênero, como por exemplo, rosa ser cor de menina e azul de menino, meninos não choram, boneca é brinquedo de menina, carrinhos é brinquedo de menino e as mais complexas como a violência de gênero, cultura do estupro, que se culpabiliza a mulher.

A dificuldade da mudança por parte das mulheres pode ocorrer por inúmeros fatores: dificuldades financeiras, por medo, falta de oportunidades, proteger a sua família dentre outros motivos, passando a aceitar se manter numa realidade que aprisiona. . Para Carvalho (2013):

[...] não é possível pensar a construção cultural e social

das relações de gênero sem reconhecer que se trata de uma construção educacional, ou seja, significados, papéis, identidades, aptidões, habilidades, posturas e sentimentos associados a noções de masculinidade e feminilidade são ensinados e aprendidos na vida e na escola. (CARVALHO, Maria Eulina et al, 2013, p. 2).

Para que ocorra essa reconstrução de culturas, papéis e posturas se faz necessário um processo reflexivo que possibilite repensar atitudes. A educação pode ser um caminho, pois normalmente, a escola reforça estereótipos de gênero. Este caminho necessita ser trilhado para tentar abrir espaço para uma mudança de paradigmas. A educação pode ser um caminho de luta por direitos, para o respeito às diferenças, para a equidade entre homens e mulheres. Operar na construção dessa mudança é uma forma de cumprir a nossa Constituição de 1988, em seu Artigo 5º que prevê:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II – ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei; (CONSTITUIÇÃO DO BRASIL, 1988, p, 2)

Ainda com a garantia de uma igualdade de direitos para ambos os sexos, podemos perceber que esse direito não se efetiva no dia a dia sem que seja pauta de luta e embate, uma vez que desde o nascimento das crianças, de acordo com o sexo com o qual nascem passam a ser ensinadas de aprendendo valores e conceitos já presentes na sociedade. Aposta-se que em algum momento da vida, através dos embates políticos, da educação, de uma discussão com a sociedade civil gere uma mudança de valores que possibilite mudar a condição feminina. A terceira crônica de Galeano abre essa possibilidade:

Charlotte

O que aconteceria se uma mulher despertasse uma manhã transformada em homem? E se a família não fosse o campo de treinamento onde o menino aprende a mandar e a menina a obedecer? E se houvesse creches? E se o marido participasse da limpeza e da cozinha? E se a Inocência se fizesse dignidade? E se a razão e a emoção andassem de braços dados? E se os pregadores e os jornais dissessem a verdade? E se ninguém fosse propriedade de ninguém?

Charlotte Gilman delira. A imprensa norte-americana a ataca, chamando-a de mãe desnaturada, e mais ferozmente atacam os fantasmas que moram em sua alma e a mordem por dentro. São eles os temíveis inimigos que Charlotte contém, quem às vezes conseguem derrubá-la. Mas ela cai e se levanta, e cai novamente se levanta, e torna a se lançar pelo caminho. Esta tenaz caminhadora viaja sem descanso pelos Estados Unidos, e por escrito e por falado vai anunciando, nos começos do século vinte, um mundo ao contrário. (GALEANO, Eduardo, 2009. p.125)

Esta personagem chamada de Charlotte Perkins Gilman (1860-1935) era escritora norte-americana, cuja produção literária enfocava as relações entre mulher e homem e a opressão exercida pela sociedade em que viveu³. Podemos perceber que desde aquela época as mulheres

³ 5 livros essenciais para entender a obra do escritor Eduardo Galeano . Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2015/04/13/5-livros-essenciais-para-entender-a-obra-do-escritor-eduardo-galeano/>

problematizavam as relações de gênero presentes no cotidiano.

No que podemos perceber nas palavras de Galeano, é que a personagem, em momentos de reflexões, passa a considerar e questionar os valores que regem a sociedade, criando hipóteses sobre como seria se houvesse uma mudança de paradigmas. Ela passa a compreender que desde o nascimento de uma criança, há um processo de naturalização de comportamentos, que interferem na construção dos modos de pensar e das atitudes. Entretanto, Charlotte vai à busca do que acredita e passa a confrontar a imagem que a sociedade espera da mulher, com aquilo que ela considera que é possível ser diferente buscando seu próprio caminho a partir de suas escolhas, necessidades e inquietações.

Percebe-se que Charlotte compreende que existe um processo de construção da identidade feminina e masculina, que não preza nem considera a vontade ou o querer especialmente, das mulheres. O processo de construção de outra forma de ser mulher pode ter relação com o pensamento de Simone Beauvoir (1997).

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher, nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, Simone de, 1967, p, 9).

Tal definição também serve para compreendermos que não há em nenhum momento, algo ou alguém que defina que o sexo feminino tenha que corresponder às características construídas culturalmente como frágeis, dóceis, delicadas, e, portanto, restritas ao espaço privado e em contraposição o masculino que deve agir de maneira a parecer forte, ser insensível, responsável, não se importar com os afazeres da casa na qual habita e sempre ser o provedor da casa. Fica claro que esta é uma construção histórica da sociedade e que é reproduzida, mas é também contestada. Ressalta-se, portanto a perspectiva cultural na construção dos papéis de gênero, uma perspectiva que se associa a perspectiva de corpo

Em cada sistema e cultura, percebemos que o corpo é tratado e compreendido segundo os valores, pensamentos, ou seja, nas interrelações “o corpo é inventado, tramado, engendrado, em meio a tantas outras invenções modos de ser e de existir são formulados. A educação escolarizada é parte dessa maquinaria de fazer existir os sujeitos humanos” (SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz, 2011, p, 14).

A partir desse posicionamento, observamos que ainda que as concepções sobre o corpo passem a ser interpretadas de outras formas, estudos sobre o corpo vêm demonstrando que suas relações são bem mais complexas, pois em cada cultura esta intrínseca a interpretação e o significado que o corpo obtém, passando assim a ser vivenciado e construído influenciando diretamente na significação dos papéis sociais executados por homens e mulheres podendo contribuir para a desigualdade. Uma vez que este corpo é assumido

[...] como uma variável que se constrói na interseção entre aquilo que herdamos geneticamente e aquilo que aprendemos quando nos tornamos sujeitos de uma determinada cultura (MEYER e SOARES,2004).É preciso lembrar que intersecção é diferente de adição: não é a cultura adicionada a uma natureza preexistente, mas uma imbricação em que nossa materialidade é invadida, nomeada, descrita, e moldada, pelos processos de significação-dentre eles os processos de significação de gênero- que configuram os mundos plurais em que vivemos e nos movimentamos (MEYER, Dagmar E. Estermann ,2009,p,218).

São essas interpretações do corpo misturada à cultura que vem inscrita em nossas ações e pensamentos desde que nascemos que se configura e se materializa nas relações de gênero. Cada pessoa está inserida em uma organização cultural, que influencia na construção dos papéis e valores, conseqüentemente vem construindo e reconstruindo a identidade dos seres a partir de suas histórias e vivências dentro daquela cultura e sociedade. Compreendemos, no entanto que a identidade não é algo dado, mas construído. De acordo com Louro (2007) as identidades

[...] são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, Guacira, 2007, p.27).

Pensar a identidade como processo de construção também rompe com a ideia de linearidade e acabamento. Essa perspectiva pressupõe que estamos continuamente nos construindo enquanto sujeitos. Para Alberto Melucci (2004, p. 47) “a identidade apresenta-se como um processo de individuação e de crescimento da autonomia”, que é reforçada e garantida na interação com o outro como resultado da heteroidentificação e autoidentificação. Quando chegamos a esta constatação passamos a construir um olhar mais compreensivos sobre nós mesmos compreendendo-nos como sujeitos em processo de construção.

Nesta prosa, Charlotte toma uma decisão a respeito de como deseja viver sua vida enfrenta as críticas e alguns obstáculos para viver de acordo com o que acredita e deseja. Neste momento podemos perceber “[...] que a cada momento de nossa existência, temos que escolher agarrar ou não uma oportunidade para exercermos um juízo, um comportamento, uma atitude interior, levando em consideração as perspectivas abertas [...]” (JOSSO, Marie-Christine, 2004, p. 108).

Charlotte, de acordo com a crônica, não temeu as conseqüências nem seus obstáculos, ao decidir permanecer no mercado de trabalho e enfrentar os preconceitos, estereótipos e julgamentos da sociedade. Para tanto sabia os compromissos e expectativas que estava assumindo. Quando caía levantava e seguia em frente mostrando que é possível sim um mundo ao contrário como havia sonhado. Nesse momento podemos compreender que Charlotte nunca teve pena de si mesma ao ir à busca do que acreditava. Ou seja, como mulher mostra que é possível modificar os parâmetros e se reconstruir caminhos que possibilitem uma equidade entre os sexos, possibilitando a partir de seu exemplo a reflexão e incentivo a outras pessoas.

É, portanto, compromisso de cada um, acreditar que é possível problematizar as situações que já estão postas em busca de algo novo, buscando aprimorar o modo de relacionar-se consigo e com o mundo. “Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido” (ALVES, Rubem, 2004, p. 2), ou seja, é um exercício de reflexão sobre o que vem sendo posto, sobre nossos atos e posturas diante de uma situação. Essa forma de olhar depende muito de como refletimos sobre assuntos, fatos e ações, uma vez que se faz necessário enxergar todas as versões e refletir sobre ela.

Assim Charlotte aprendeu a refletir sobre o que era esperado para uma mulher, acabou por aprender esta forma de enxergar o que poderia ser diferente indo em busca de mudança e mostrando que a realidade é passível de transformação. Demonstrando ainda que sobre críticas que por vezes a afetava, que o fato de ela como mulher ser uma ótima profissional, não a isentava do fato de ser uma boa mãe e exemplo para seus filhos. Para conseguir, que, pelo menos realizar mudanças significativas que modificassem sua realidade, passando a criar um precedente, demonstrando que nem sempre o que está posto não pode ser ressignificado, assim, levantava-se a questão de como profissional porque não poderia ser uma boa mãe.

Assim, mesmo que em sua infância, provavelmente, tenha sido incentivada e educada para a vida privada de esposa, dona de casa, ficar calada, não sendo incentivada a correr, jogar bola, ter uma profissão, e em sua juventude tenha sido instigada a sempre esperar pelo príncipe encantado, aguardando pelo casamento para obter a liberdade tão desejada. Charlotte, provavelmente, tenha

sido educada para deixar de ser propriedade do pai para ser propriedade do marido tendo de cuidar da casa, dos filhos e acompanhar o marido mantendo a honra, e quando chega à idade adulta tais práticas e papéis se tornarem tão intrínsecos e impregnados dentro de si que passa a acreditar que nasceu para servir e cuidar do próximo.

Os exemplos do cotidiano supracitados nos remetem a pensar que não nascemos naturalmente submissas e passivas, mas incorporamos essa ideologia que expressa historicamente os interesses dominantes. É desse modo que a sociedade e a cultura constrói a ideia da diferença e da hierarquia fazendo com que se esqueça de que o ser humano tem habilidades e potencialidades iguais aos homens para desempenhar as funções, conforme deseja e pensa de acordo com seus valores e os rumos que quer dar a sua vida. As possibilidades podem ser expandidas ou limitadas desde a infância, cada criança vive experiências e oportunidades de desenvolvimento pessoal, intelectual e emocional de diferentes formas e possibilidades.

As meninas e futuras mulheres na maioria das vezes acabam naturalizando as funções sociais destinadas e rotuladas enquanto “papéis femininos”, esta naturalização nem sempre é percebida pelas mulheres, elas sentem-se culpadas por não cumprir seus “papéis de mulher” que envolvem sobretudo construir uma relação heterossexual, composta por casamento religioso cristão, ter filhos, cuidar de sua casa, de seus filhos e marido, com rotinas que envolvem o cuidado, o zelo, a paciência e abdicação de tudo que não traga satisfação e bem-estar aos outros.

Charlotte conseguiu quebrar este ciclo e modificar sua trajetória de vida indo à busca de novos paradigmas, quebrando estereótipos da sociedade, através da reflexão e busca por diferentes formas de viver, contrariando as normas sociais, Charlotte busca uma mudança em sua vida, transpondo a rotina, valores e quebrando conceitos nos quais estava submetida. Os papéis sociais que construiu-se socialmente, historicamente, economicamente e politicamente, justificados sobre tudo a partir da biologia são agentes de perpetuação dos modelos atuais pelos quais as mulheres entendem que são naturais.

A educação dada às mulheres também reforça e modela os papéis sociais, por décadas percebe-se o reforço acerca dos espaços destinados socialmente aos homens e as mulheres, as escolas deveriam ser espaços criativos e de desenvolvimento humano, intelectual, emocional quando na maioria das vezes se apresenta enquanto um ensaio da representação social a ser desempenhada por seus membros.

As influências que perpassam as crianças e adultos cercam os sujeitos cotidianamente, ininterruptamente, a literatura também é forte agente de formação de opinião e modelos sociais, a prosa apresentada é exemplo do quanto existem diversas formas de resistência e maneiras de dar visibilidade às lutas sociais como é possível perceber nas palavras de Galeano.

Conclusões

“O mundo está feito de histórias. São as histórias que contamos, escutamos, multiplicamos, que permitem converter o passado em presente e o distante em próximo, o que está longe em algo próximo, possível e visível”. Eduardo Galeano

Utilizando as palavras de Galeano, compreendemos que ao refletirmos sobre o passado contemplando as histórias, neste caso das mulheres, podemos recriar o presente e tornar as mudanças mais próximas e possíveis. A partir da história de mulheres e sobre as mulheres é o que nos permite conhecer e problematizar inúmeros aspectos construídos socialmente e reconstruir realidades influenciando outras pessoas.

Através desta análise percebemos que a literatura, neste caso a prosa, esta carregada de valores e aborda temáticas atuais, como por exemplo, a questão de gênero. Estas produções podem contribuir para uma nova apresentação da realidade e as mudanças possíveis, mesmo que difíceis contribuindo para a formação dos sujeitos.

Nota-se ainda que nas realidades do sexo feminino, mesmo quando nas palavras de alguém do sexo masculino, expõem uma realidade dura e concreta vivida por mulheres e o contexto que vem sendo produzido pela sociedade. O cotidiano feminino é de conhecimento do sexo masculino, a produção e reprodução das desigualdades e explorações acerca do trabalho doméstico feminino

são formas de manutenção da hegemonia capitalista patriarcal machista. Ainda que sem generalizar, as realidades femininas apresentadas por Galeano retratam o cotidiano da maioria das mulheres, no entanto, precisamos repensar sobre que mulher queremos ser e se conseguiremos abrir espaço para que possamos ter equidade, uma vez que a inserção da mulher na sociedade com igualdade no mercado de trabalho exige comprometimento, organização e a quebra de paradigmas, até mesmo de estereótipos.

Com muita luta e determinação as mulheres vem conquistando um espaço com menor desigualdade, no entanto será preciso muitas transformações e ações para que consigamos uma sociedade com igualdade de direitos, porém ressalta-se que as conquistas das mulheres não trouxeram apenas pontos positivos, as mulheres saíram dos espaços privados para trabalhar nos espaços públicos (destaca-se que esta é a realidade das mulheres brancas burguesas, pois as mulheres negras sobretudo escravas sempre trabalharam, mesmo que este trabalho não tenha sido reconhecido enquanto trabalho), estas mulheres acumularam funções.

As mulheres tiveram suas jornadas de trabalho duplicadas, quando não triplicadas, as funções domésticas do espaço privado e do cuidado dos (as) filhos (as) permanecem como sendo funções femininas, os homens quando participam destas tarefas são entendidos enquanto “ajudantes”, assim não tem enquanto obrigação ou função social e familiar à divisão de tarefas.

As conquistas femininas podem ser observadas enquanto acúmulo de funções, as mulheres de diferentes classes sociais entendem as lutas e conquistas femininas de formas diversas, a ruptura com o modelo patriarcal machista requer reconhecimento por diversos atores sociais, sobretudo os agentes de educação e familiar, que influenciam nas percepções da criança desde seu nascimento. Esta reconstrução de valores e pensamentos podem ser abordadas por intermédio da pesquisa, da literatura, da história da arte, da música, possibilitando que se repense valores e conceitos a respeito da equidade entre os sexos.

Referências

ALVES, Ruben. **A complicada Arte de Ver**. 2004. p.2. 2004. Folha de São Paulo. Caderno Sinapse. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>. Acesso em: 05 de out. de 2014.

Associação de Escritores de Bragança Paulista. **Gêneros Literários**. Acesso em: 10 de out. de 2014. Disponível em: <http://www.asesbp.com.br/literatura/prosa.htm>.

BEAUVOIR, Simone. de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. 2ª edição.

BRASIL ESCOLA. < <http://www.brasilecola.com/cultura/>> Acesso em: 10 out de 2014.

CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. **Relações de gênero**. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. **Cadernos afetividade e sexualidade na Educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora RonaLtda, 1998. p. 142-150. Disponível em: http://adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf. Acesso em: 18 de out. de 2014.

CARVALHO, Maria Eulina. Pessoa de, COSTA, Eliana Célia. Isamael da, MELO, Rosemary Alves de. **Roteiros de gênero: a pedagogia organizacional e visual gendrada no cotidiano da educação infantil**. REUNIÃO ANUAL DA ANPED 31 (2008).p.2.Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-3953--Int.pdf>> acesso em: 27 de outubro de 2013.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. PREÂMBULO. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/constituicaofederal1988.pdf>. Acesso em 28 de Jul. de 2016.

CORSARO, William. Sociologia da Infância. Porto Alegre. Artmed, 2011.

ENGELS, Friederich. **A Origem da Família da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GALEANO, Eduardo. **Mulheres**. 1940-tradução de Eric Nepomuceno. ed. Porto Alegre:L&M,2009.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro.LTC, 2008.

GONÇALVES, Fabiana Macedo. **A Mulher Letrada e o Seu Papel Social no Século XIX**. Revista online. LINHA MESTRA - Revista Virtual. Ano I, nº 05, nov/dez 2007.Artigo 2. Campinas/SP.Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/linha-mestra/revistas/revista_05/CAPA_05.asp.html. Acesso em: 09 de Mar. De 2016.

JOSSO, Marie-Christine, **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo. ED.CORTEZ. 2004. CÁP IV. PG. 87/110. p.108.

MELUCCI, Alberto. **O Jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Corpo, Violência e Educação: uma abordagem de Gênero**. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Coleção educação para todos, volume,32.UNESCO.2009

MORAIS, Inês Motta de. **Autonomia pessoal e morte**. Revista Bioética 2010; 18 (2): 289 – 309. Disponível em: <file:///E:/565-1729-1-PB.pdf>. Acesso em 26 de fev. de 2016.

REVISTA FÓRUM. **5 livros essenciais para entender a obra do escritor Eduardo Galeano**. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2015/04/13/5-livros-essenciais-para-entender-a-obra-do-escritor-eduardo-galeano/>. Acesso em 28 de Jul. de 2016.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. RJ. 2009. Disponível em: http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39907020/SCHOLLHAMMER-_Karl_Erik__Ficcao_brasileira_contemporanea.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1470752425&Signature=PKJAt%2Fd%2BpgHyTGpVdNBqrDZFy1Y%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DSCHOLLHAMMER_Karl_Erik_Ficcao_brasileira.pdf. Acesso em: 09 de Ago. de 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003: 56.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007

SIGNIFICADOS.COM. BR Disponível em:<<http://www.significados.com.br/autonomia/>> acesso em: 05 de jul. 2013.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. **TECENDO PERCURSOS PARA PENSAR O CORPO**. 34ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).2011. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT23/GT23-1188%20int.pdf> Acesso em: 06 de Mai. De 2016.

SILVA, Antonio Ozaí da. **Um olhar sobre a Literatura: reflexões acerca da sua contribuição político-pedagógica**. Dez/ 2008.Revista Espaço Acadêmico. Nº 91. ISSN 1519.6186. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/091/91ozai.htm>. Acesso em: 29 de Jul. de 2016.

SIMÕES, Fátima Itsue. Watanabe HASHIMOTO, Francisco. **Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX** Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – ISSN: 2238-6424. 2011. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf>. Acesso 06. de Jul. de 2016.

SOARES, Nana. Abril.com. Educar para Crescer. **Não existe coisa de menino e coisa de menina!**2014. Disponível em:<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/coisa-menino-coisamenina798549.shtml?utm_source=redesabril_educar&utm_medium=facebook&utm_campaign=redesabril_educar>. Acesso em 14 de out. de 2014.

TELLES, Edna de Oliveira. **“O Verso e o Reverso das Relações Escolares: Um Olhar de Gênero Sobre o Uso dos Tempos em Uma Escola Municipal da Cidade de São Paulo.”**. 28ª Reunião Anual da ANPED. 2005. GE 23 - Grupo de Estudos Gênero, Sexualidade e Educação. Disponível em: <http://28reuniao.anped.org.br/>. Acesso em 02. Mar. 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2011.

VIGOTSKY, Lev, 2000, apud RIBEIRO, Sibebe Aparecida; DE CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins. **O Ato de brincar por entre a imaginação, a imitação e a invenção**. 2007. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss02_08.pdf. Acesso em: 02 de nov. de 2014

Recebido em 31 de outubro de 2016.
Aprovado em 22 de novembro de 2016.